ISSN: 2446-6549
Resenha

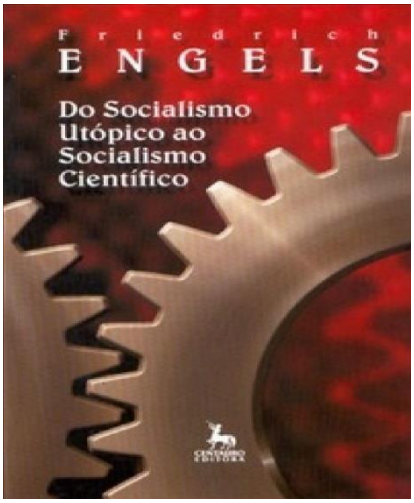
INTERESPAÇO
Revista de Geografia e Interdisciplinaridade

RESENHA

ENGELS, Friedrich. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2005. 98 p. Disponível em: <http://www.livrariacultura.com.br/p/do-socialismo-utopico-ao-socialismo-cientifico-1443310>. Acesso em: 02 mar. 2015.

Angélica Lima Melo
Acadêmica do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Campus de São Bernardo.
angelica.lmelo@hotmail.com

Clodomir Cordeiro de Matos Júnior
Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo – USP. Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Professor do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Campus de São Bernardo.
clodomir.cordeiro@gmail.com



Friedrich Engels nasceu em Barmen, Renânia, em 1820, e faleceu no ano de 1895. O autor e colaborador de Marx foi um dos teóricos que fundamentou o materialismo dialético enquanto fator condicionante da transformação histórico-social. Desse modo, podemos refletir a partir da obra *"Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico"* sobre as importantes contribuições da corrente de socialistas utópicos, assim como as conjunturas sociais que foram desencadeadas devido às influências dessa corrente. Engels afirma que essa brochura se baseia em partes da obra *Anti-Duhring*, ou seja, "a subversão do senhor Eugênio Dühring" ao socialismo. Nesse sentido, essa obra desconstrói as mais variadas formas de socialismo existentes. Por sua vez, tenta esclarecer as pretensões do partido comunista. Assim como, explicar as principais concepções acerca da transformação dos sistemas econômicos. Na nota de edição ele afirma que a circulação dessa obra ganhou mais destaque do que as obras *O Manifesto do Partido Comunista* e o *Capital*. A obra é então, dividida na explanação teórica dos sistemas de produção feudalista ao capitalista.

Abordagem dos principais pensamentos que culminaram no período pré-capitalista e por fim, com o consolidado. Em seguida, ele explicita sobre a corrente de socialistas utópicos e a suplantação dessa teoria, com a formulação do socialismo científico.

Nossa pretensão não é esgotar as significações elencadas por Engels. Entretanto, queremos mostrar algumas concepções que fundamentaram o pensamento socialista dos autores Marx e Engels, nesse caso, faremos uma descrição sobre a modificação entre o sistema feudalista ao sistema de produção capitalista. Elencaremos algumas das passagens históricas que foram fundamentais para a suplantação do modo de produção feudal ao modo de produção capitalista.

A obra desenvolve a concepção das tessituras, que se referem ao processo de transição do sistema capitalista ao socialismo, bem como as evidências cabíveis para o desenvolvimento desse processo. Essa análise se dá na medida em que Engels acrescenta as transformações dos modos de produção e traz, em seguida, as peculiaridades inerentes a cada sistema.

Engels desdobra a análise do sistema capitalista, partindo da premissa dialética, assim ele explicita que a sociedade industrial não foi resultado apenas de princípios ideológicos, mas que, antes, necessitaram de forças produtivas para a fundamentação da mesma. Nesse sentido, ele aponta que a Revolução Francesa foi uma categoria ideológica e material, porém, para em seguida, ponderar que a Revolução Industrial trouxe o aperfeiçoamento do sistema capitalista.

Assim, as modificações sociais pautadas na superação de um modelo econômico, nesse caso, o feudalismo. Foram possíveis devido ao embate entre as forcas produtivas e o modo de produção. Dessa maneira, as concepções medievais que giravam em torno de um Deus transcendente, já não serviam para explicar as rápidas mudanças entre as relações sociais, e também entre o sistema mercadológico. É necessária, uma nova forma de pensar sobre a realidade social. Portanto, surgiram as concepções renascentistas, idealistas como forma de responder as transformações materiais da modernidade. Assim como Marx Engels, apontam no livro *Ideologia Alemã*:

> [...] A produção de idéias, de representações e da consciência está em primeiro lugar direta e intimamente ligada à atividade material e 'ao comércio material dos homens; é a linguagem da vida real. As representações, o pensamento, o comércio intelectual dos homens surge aqui como emanação direta do seu comportamento material.(MARX; ENGELS, 1987, p. 20).

Diante do processo de transição entre o modo de produção feudalista ao capitalista um dos fatores principais foi a descentralização do poder da igreja católica. Mediante esse

acontecimento histórico, tem-se como suporte as ideias filosóficas renascentistas que relatam a liberdade do homem no que diz respeito a seus dogmas religiosos. Não se tem mais a necessidade de intermédio da igreja, já que as ciências estão proporcionando à sociedade respostas baseadas em verdades que podem ser verificadas.

O rompimento com as construções ideológicas, com o modelo social postulado pela cultura dominante, emerge diretamente em todo o âmbito da produção econômica, já que a igreja e nobreza respaldavam-se em concepções religiosas para proibir a crescimento econômico-comercial. Mediante essa situação, o predomínio da ciência gerou um fortalecimento significativo dentro da Europa, pois havia a necessidade de engendrar as transformações culturais e econômicas dentro de toda a sociedade.

A concepção calvinista baseada na predestinação "era expressão religiosa do fato de que no mundo comercial, no mundo da concorrência, o êxito ou a bancarrota não dependem da atividade ou da aptidão do indivíduo, mas de circunstâncias independentes dele" (ENGELS, 2005, p. 33). É importante salientar que não era mais necessário o intermédio dos cardeais, pois o crescimento econômico "não depende da vontade ou da fuga de ninguém, mas da misericórdia, de forças econômicas superiores desconhecidas" (ENGELS, 2005, p. 33). Partindo das transformações religiosas iniciadas por Lutero no século XVI que já anunciavam as modificações dentro do sistema feudal católico. Ademais, com o movimento de Calvino foi possível uma transformação mais pautada na economia capitalista. Dessa forma, a burguesia que viu seu momento de instaurar suas próprias noções e modelos de economia vinculada ao crescimento do capital, embasando-se nas correntes filosóficas tais como: deísta, agnóstica, hegeliana, baconiana, que elencaram todas as transformações advindas da mudança econômica e, com isso, uma série de mudanças dentro da sociedade medieval.

Houve a necessidade do advento de novas bases que responderiam a muitos questionamentos feitos pela burguesia, aos seus anseios por novos mecanismos que modificariam o sistema de relações sociais, e, principalmente as relações monetárias, porque eram esses questionamentos atrelados às concepções científicas que resultaram na Revolução Francesa do século XVIII.

Os ideais materialistas se iniciaram na Inglaterra, principalmente com a aristocracia, foram também transferidos para a França com a segunda escola de filósofos. Seu intento era questionar não apenas a religião, mas também as tradições políticas e científicas. A juventude culta da França seguiu as linhas teóricas do pensamento materialista, que teve grande reconhecimento com a obra dos enciclopedistas, a qual deu embasamento teórico

para a Grande Revolução, servindo de bandeira teórica aos terroristas e aos republicanos. Nela inspirou-se o texto da Declaração dos Direitos Humanos.

A Revolução Francesa foi a consolidação entre as teorias filosóficas e o descontentamento da burguesia em relação aos privilégios da nobreza e do clero. Dessa forma, a derrocada total do feudalismo e dos poderes da igreja foi legitimada com a Revolução Francesa, que acabou com todas as relações do sistema servil. A partir desse momento, a burguesia triunfa sobre todas as classes, até mesmo sobre a aristocracia.

O predomínio das relações feudais na Inglaterra não correspondeu à destruição por completo do sistema servil na França, que já contava com o enorme desenvolvimento estruturação do sistema capitalista, ou seja, o feudalismo já não daria conta do mercado capitalista que crescia cada vez mais na França e se firmava fortemente com o propósito materialista. Isso também se diferencia do que ocorreu com o burguês britânico que estava completamente atrelado aos preceitos religiosos. Para o modelo burguês britânico, o que ocorria na França lhes soava muito mal, quanto mais o pensamento materialista crescia e tomava conta do pensamento burguês na França, mais a religião cristã predominava na Grã-Bretanha.

O sistema fabril ganhava destaque na Inglaterra, tirando a aristocracia latifundiária do topo da ascensão social e preponderando as relações comerciais atreladas ao desenvolvimento da indústria, concentrando a demanda crescente da economia capitalista inglesa nas fábricas.

A instauração da Revolução Francesa desencadeou a aceleração e estruturação da burguesia e sua concentração econômica. O novo sistema tende a desmoronar o primeiro que se encontrara na aristocracia latifundiária, que antes da revolução tinha um grande domínio dentro da esfera social e política, mas com o advento da revolução e a forte estrutura da burguesia, se concretizou com a sua participação dentro do Parlamento. Depois, a derrogação das leis dos cereais, que concretizou por completo a ascensão da burguesia em relação a todas as outras classes.

A revolução industrial na Inglaterra criou um grande acúmulo de riquezas aos capitalistas, fornecendo-lhes também um grande contingente de operários trabalhadores em suas fábricas. Trabalhadores estes que faziam crescer em quantidade e em força, o que disso gerou foram as manifestações, como a de 1824, a qual obrigou o Parlamento a revogar as leis contra liberdade de coalizão. Diante disso, os operários formaram o seu próprio "partido dos cartistas".

As manifestações contra o sistema capitalista eram situações que pareciam tão absurdas aos olhos do burguês que pretendia manter o operário sob as rédeas da religião cristã. No entanto, para seu descontentamento, vieram algumas imposições operarias, entretanto, seguida de declínios.

> Em seguida, vieram as revoluções continentais de Fevereiro e Março de 1848, nas quais os operários tiveram um papei tão importante e nas quais levantaram pela primeira vez, em Paris, reivindicações que eram absolutamente inadmissíveis do ponto de vista da sociedade capitalista. E sobreveio logo a reação geral. Primeiro foi a derrota dos cartistas de 10 de Abril de 1848; depois, o esmagamento da insurreição operária de Paris, em Junho do mesmo ano; mais tarde, os descalabros de 1849 na Itália, Hungria e sul da Alemanha; por último, o triunfo de Luís Bonaparte sobre Paris, em 2 de Dezembro de 1851. (ENGELS, 2005, p. 44-45)

Com o acréscimo de mazelas sociais, as insurreições proletárias, surgiram pensadores utópicos que criam suas teorias a fim de tentar resolver os problemas causados pelo capitalismo, os utópicos tendem a não quererem resolver o problema dos operários, mas sim o todo. Assim como fizeram os enciclopedistas "não se propõe emancipar primeiramente uma classe determinada, mas, de chofre, toda a humanidade." (ENGELS, 2005,p.60). Esse mundo no qual predominou a razão eterna, a justiça e liberdade estiveram completamente longe de serem aplicados na realidade concreta. De fato, o que prevalece nesse mundo idealizado, são as injustiças e explorações de um sistema que separa os possuidores dos despossuídos. Então Engels pondera que a corrente de socialistas utópicos, que teve como pensadores: Saint-Simon, Fourier e Woen. Respaldava-se da seguinte maneira:

> [...] suas teorias incipientes não fazem mais do que refletir o estado incipiente da produção capitalista, a incipiente condição de classe. Pretendia-se tirar da cabeça a solução dos problemas sociais, latentes ainda nas condições econômicas pouco desenvolvidas da época. A sociedade não encerrava senão males, que a razão pensante era chamada a remediar. (ENGELS, 2005, p. 64-65).

Nesse contexto, Engels explica que as utopias que permearam a corrente dos socialistas utópicos, não podiam ser realizadas, já que suas concatenações não estavam respaldadas em princípios materiais, não havia problematizarão sobre a dualidade entre as forças produtivas e os modos de produção. Em sua ontologia social, não aparecia o proletário enquanto uma classe revolucionária. Tampouco, havia uma compreensão voltada para a concepção capitalista. Ademais, só era possível pensar sobre os problemas advindos do sistema capitalista. Em seguida, Engels acrescenta que Marx desenvolveu a grande compreensão sobre a história da humanidade, as lutas de classes seguidas de um novo

modo de produção. Essa análise das transformações dialético-materialistas pode ser encontrada nas obras *A Ideologia Alemã* e *O Manifesto do Partido Comunista*, que esboçam de maneira clara a pretensa superação das premissas puramente racionais encontradas tanto na ideologia alemã quanto no pensamento socialista francês.

Diante das concepções utópicas, Engels faz sua crítica considerando que a sociedade por muito tempo as ouviu e venerou como sendo algo de extremo prestígio, pois nesse socialismo se encontra a "verdade absoluta, da razão e da justiça [...] e, como verdade absoluta, não está sujeita a condições de espaço e tempo nem ao desenvolvimento histórico da humanidade"[...] (ENGELS, 2005, p. 78). Diante disso, tal acontecimento é desprovido de concretização, pois sua amplitude se encontra na dimensão do acaso, somente o acaso decidirá quando a sociedade socialista irá existir. Nesse sentido, mesmo o socialismo não tendo se concretizado. As idealizações de um sistema social mais justo repousam sobre o imaginário daquelas pessoas que pensam alternativas para um mundo melhor. Assim, o que se percebe é que a justificação de Marx Engels pautada no viés materialista, e, por conseguinte, na refutação do pensamento idealista alemão. Assim como, a crítica ao socialismo o utópico, nada mais era do que a tentativa de instauração de uma sociedade sem classes, ou seja, uma sociedade igualitária. Esse princípio norteou a corrente renascentista, o idealismo alemão, e também o socialismo utópico e por último o socialismo científico de Marx e Engels.

Em contraposição aos socialistas utópicos surge o socialismo científico, que tem toda sua base teórica e metodológica na luta de classes, ou seja, no materialismo dialético, partindo do pressuposto de que a mudança social é oriunda da compreensão e atuação dos indivíduos no processo de reconhecimento de classe e na compreensão de sua atuação dentro da esfera social para ser capaz de concretizar a derrocada da burguesia.

O cientificismo da teoria socialista de Marx se dá por meio da comprovação sobre o percurso material vivenciado pela sociedade ao longo de sua existência que foi propício ao surgimento de uma nova classe, ou seja, com base na luta entre as classes é possível ter a dimensão real e material acerca da mudança estrutural do sistema de produção que influi em todas as diferentes áreas da sociedade e relações que dimensionam a vida social.

As forças produtivas desenvolvem toda a relação do homem, atuando dentro do processo material para poder compor a base existencial de toda a sociedade. Diante disso, ocorrem relações de produção que se respaldam na escravidão, arrendamento, artesanato, e, no modo assalariado. Nesses processos ocorrem conflitos entre as forças produtivas e as forças de produção, desencadeando a derrocada do modo de produção predominante na

esfera social. Segundo essa teoria, Marx parte da relação de exploração que se estabelece entre operariado e patronato para comprovar que, na Historia da Humanidade ocorreram sucessivas lutas entre as forças produtivas e as forças de produção. Em consequência disso, uma classe ascende historicamente e revoluciona a sociedade vigente. Assim como a burguesia ascendeu-se e revolucionou todo o arranjo social mediada pelo embate contra o modo de produção feudal, os proletários também cumpririam seu papel na História da humanidade, pondo fim ao sistema capitalista.

Assim sendo, o papel histórico do proletário é derrubar o sistema capitalista e implantar temporariamente o socialismo, o qual é o processo em que a humanidade tenderá a desapropriar a propriedade privada e colocar o Estado a serviço do proletário. Isso dar-se-á ao passo que a humanidade dissolverá os resquícios ideológicos do capitalismo, assim não havendo a necessidade do Estado, pois a organização social terá sido alcançada. Ao final desse processo, a sociedade atingirá o comunismo onde todos os seres humanos se desenvolverão por completo.

De certo modo, hoje o Estado tem exercido um duplo papel, por um lado, ele continua sendo como Marx e Engels consideravam aparato da burguesia capitalista que garante sua reprodução e perpetuação, e por outro lado, assumiu "novas posturas" como consideradas no livro 18 Brumário de Luís Bonaparte onde o mesmo surge como mediador frente às situações de exploração e desigualdade.

REFERÊNCIAS

ENGELS, Friedrich. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2005. 98 p. Disponível em: <http://www.livrariacultura.com.br/p/do-socialismo-utopico-ao-socialismo-cientifico-1443310>. Acesso em: 02 mar. 2015.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, K. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. Tradução de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011. 191 p.